

IV CONCURSO LITERÁRIO
POETA MARIO QUINTANA

Dicas de conservação do livro

- Não escreva nas páginas.
- Manuseie o livro com as mãos limpas.
- Evite comer e beber durante a utilização.
- Não o deixe aberto com a lombada para cima.
- Mantenha as folhas íntegras, sem dobras, danos ou marcas.
- Não marque as páginas com clipes.
- Não apoie o cotovelo.
- Escolha lugares adequados para deixá-lo.

Atenção:

Ao verificar dano ou defeito em livro do acervo,
comunique à Biblioteca.



IV Concurso Literário "Poeta Mario Quintana"

FICHA TÉCNICA

Brasil, Ministério Público do Distrito Federal e Territórios

Procurador-Geral de Justiça: Rogerio Schietti

Vice-Procurador-Geral de Justiça: José Firmo Reis Soub

Diretor-Geral: Antonio Marcos Dezan

Chefe do Departamento de Recursos Humanos: Leomar Daroncho

Comissão Organizadora:

Adriana Custódio da Silveira (Presidente)

Ana Paula Cusinato

Ana Lúcia dos Santos Nogueira

Capa: Paulo Ellery

Foto: Carlos Giraldez

Projeto gráfico e diagramação: Ana Paula Cusinato

Revisão: Adriana Custódio da Silveira

Fotolito e Impressão: Laserprint

Tiragem: 1.000 exemplares.

BIBLIOTECAMPDFT



MINISTÉRIO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL E TERRITÓRIOS

BIBLIOTECAMPDFT

IV Concurso Literário "Poeta Mario Quintana"



Programa de Gestão de
Competências e Habilidades

Ac. 99-880
Ex. 959450

bit.
869.8992
DIST CON
2006
S.M.A.

Copyright © 2006.

Concurso Literário Interno do MPDFT, IV : Poeta Mario Quintana.

Brasília : MPDFT, 2006.

96 p. ; 14,8 x 21 cm.

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia. 3. Conto. 4. Crônica I. Título.

II. Ministério Público do Distrito Federal e Territórios

CDD

CDU

SUMÁRIO

Prefácio pelo Procurador-Geral de Justiça06

Nota da Comissão Julgadora07

Primeiros colocados

Ruiva, de Franz Rulli Costa09

Madrugada, de Cláudio Bilu Rodrigues10

Museu, de Cláudio Bilu Rodrigues12

Segundos colocados

Caixa de madeira, de Franz Rulli Costa 15

Um baile de máscara, de Fausto Rodrigues de Lima 17

Janela indiscreta, de Edval Alves de Carvalho 22

O salto, de Cristiano Cota Pinheiro 25

Terceiros colocados

Coleções, Conceição de M. Amorim Araújo 28

O envelope azul, de Artur Marciano Lins Ferreira 29

Sed lex, de Artur Marciano Lins Ferreira 35

O mistério da luz, de Maria Tamar T. de Albuquerque 39

A fada da minha infância, de Maria Tamar T. de Albuquerque 41

Menções honrosas

Diferença substancial, de Luiz Beltrão Gomes de Souza 44

A fuga de uma meretriz, de Janierson S. Soares 45

Deus abençoe esta bagunça, de Artur Marciano L. Ferreira 46

Pequeno livro, de Igor Pereira M. Figueiredo 48

José ninguém, de Janierson S. Soares 49

Bendizei o Senhor, de Janierson S. Soares 50

Biografias

Autores 51

A comissão julgadora 63

DIANTE DA JANELA ABERTA

Cem anos passaram-se desde que nasceu o autor de *A Rua dos Cataventos*. Mario Quintana passou. No entanto deixou suas marcas poéticas. Afinal como seus versos dizem: *Eles passarão / Eu passarinho!*

Tornar a passagem dos integrantes do Ministério Público aprazível é o que imaginamos com ações como o Concurso Literário, a campanha de doação de livros e outras atividades que motivam a ampliação de seu horizonte, por meio da arte literária.

As escritas técnica e impessoal de processos, portarias, memorandos e ofícios fazem parte de nosso dia-a-dia, para prestarmos um bom serviço público dentro de nossas repartições. Mas nesse certame podemos escrever diante da janela aberta e sob uma outra linguagem, onde criamos uma nova paisagem, ainda que velha conhecida.

Congratulo-me com os participantes do Concurso Literário e agradeço Dora Duarte, Lúcia Helena e TT Catalão pela valiosa e pronta apuração dos contos, crônicas e poesias.

Desfrutem desta nova antologia e pensem na possibilidade de escrever diferente, como nos diz Quintana nestes versos:

*Escrevo diante da janela aberta.
Minha caneta é cor das venezianas:
Verde!... E que leves, lindas filigranas
Desenha o sol na página deserta!*

.....
(**In** A Rua dos Cataventos)

Rogério Schietti
Procurador-Geral de Justiça

NOTA DA COMISSÃO JULGADORA

*"O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e
ao mesmo tempo acompanhado."*

Mario Quintana

A comissão julgadora do IV Concurso Literário "Poeta Mario Quintana" sentiu-se honrada com o convite, examinou os trabalhos apresentados com bastante atenção, selecionou os que constarão da antologia. Parabeniza a todos os participantes por seus poemas, contos e crônicas. Infelizmente não é possível selecionar a todos, mas manifestamos nossa satisfação pelo bom nível dos trabalhos apresentados. Ressaltamos que o objetivo não é mostrar quem escreve melhor que o outro, mas - entre os premiados e os não-premiados - ressaltar a importância da criação literária, estimular novos valores e abrir espaço para que mais pessoas se insiram nesse maravilhoso processo que é a criação literária, cujo exercício contínuo possibilita o crescimento do escritor. Caminhamos pelos sonhos, fantasias, anseios, desejos, arrependimentos, nos emocionamos com tristezas e alegrias.

Que bela homenagem aos 100 anos de Mario Quintana, com a edição deste IV Concurso Literário do MPDFT que tem como objetivo a valorização pessoal e profissional, a qualidade de vida e a promoção de talentos.

Dora Duarte
Presidente da Comissão Julgadora

primeiros colocados

POESIA - *Ruiva*, de Franz Rulli Costa
CONTO - *Madrugada*, de Cláudio Bilu Rodrigues
CRÔNICA - *Museu*, de Cláudio Bilu Rodrigues

Ruiva

Franz Rulli Costa

A trapezista ruiva valha-me Jesus Critim
na suprema liberdade do ocaso
(libertas que também serias)
mergulhou libélula e argentina
na direção dos meus abraços.
Me lembrei do rio Corumbaíba chorado
pela desatinada bailarina
evanescente colibri dos ares dos bares
e deixei que ela caísse despedaçada ao chão.

Como em todo sonho que se preze
algo feito de seda paina molas de algodão
acolheu tão destemida clandestina
pois ainda tive tempo de vê-la
cruzar as pernas arranjar as penas
ajeitar os sapatos os peitinhos
piscar lentamente um olho de azul vitral
- assim meu coração reinaugurado
fibrilou novo e alentado frissom.

Pela janela meio aberta da sala
além de luar querubim
escorria um resto torto de assobio
naquela madrugada de marfim.
Uma viola como pulmão de prata
tragava a canção do amor demais
de autêntico sabiá-jobim.

E eu bêbado ermo bêbado
sem qualquer rota prevista
chorava uma ruiva trapezista
que pudesse maltratar de paixão
ninar que fosse tocar de leve
como tola e derradeira consolação.

Madrugada

Cláudio Bilu Rodrigues

Quando Roberto acordou às 3h da manhã, para ir ao banheiro e beber água, resolveu verificar se a porta da sala estava bem fechada. Aproveitou para, com o rosto junto ao olho mágico, ver se estava tudo bem. Qual não foi a sua surpresa ao perceber uma pessoa em frente à entrada do seu apartamento.

Roberto ficou alguns segundos sem saber o que fazer. Olhou mais uma vez, a figura estava lá, imóvel, diante da porta. Foi até a cozinha e interfonou à portaria. "Gostaria de saber se algum estranho entrou no prédio há pouco?" - "Não, não senhor". - "É que tem uma pessoa aqui no 8ª andar". - "Deixa eu olhar na câmera do 8º... não tem ninguém, não senhor".

Roberto olhou de novo e não havia mais ninguém. Abriu a porta com cuidado, deu dois passos para fora do apartamento... Ninguém, realmente. Interfonou de novo ao porteiro, "Alguém saiu do prédio agora?". - "Não, não senhor".

Voltou para o quarto. A mulher dormia. Lembrou-se do filho. Foi vê-lo. O filho também dormia, todo coberto. Roberto ficou tranquilo e voltou para a cama. Pensou no homem desconhecido... no filho... no homem desconhecido... no filho, todo coberto... "Já disse para esse menino não dormir com a cabeça coberta". Voltou ao quarto do filho, descobriu-lhe a cabeça.

Agora estava tudo ok, mas primeiro precisava ir à sala para verificar se a porta estava mesmo bem fechada, já que precisou abri-la. Tudo certo. Achou melhor não olhar para fora. "E se tiver alguém lá? É melhor não saber. E se for um ladrão? Minha família pode estar em perigo". Roberto olha de novo. Nada.

Roberto perdeu o sono e ligou a TV. Já passava das 3h30 da manhã. Chegou junto à janela, acendeu um cigarro. Alguns poucos carros rodando. Na calçada, um ou outro pedestre. Perto da banca de revista, Roberto viu um homem que olhava em direção à sua janela. Apesar da distância, Roberto reconheceu o homem que estava junto à porta faz pouco tempo. Apagou o cigarro e desligou a TV.

"O quê esse cara quer?", pensava. Passados alguns minutos, e apesar da luz apagada, Roberto tinha certeza que o homem sabia da sua presença ali na sala. "Roberto", disse a mulher, dando um susto no marido. "O que você está fazendo aí parado uma hora dessa?". - "Eu não queria te acordar", disse ele. A mulher se aproxima de Roberto e continua: "O que você está fazendo junto à janela? Do que você está com medo?... Você não está vendo coisas de novo, está?... Não tem ninguém vigiando nosso apartamento, e você sabe disso... Você está tomando o seu remédio direito?" - "Claro que sim. Estava só esperando o sono voltar... e já estou ficando com sono". - "Então vamos pra cama", pede a esposa. "Vamos... deixa eu ver primeiro se o nosso filho está bem", concluiu Roberto. "Nosso filho?", grita a mulher, "Você de novo com esta história? Eu sabia que você não estava tomando o remédio... eu vi que você andava estranho essa semana... Amanhã vamos ao Médico... Não acredito que vai começar tudo de novo, meu Deus!", lamenta a mulher. "Eu estava brincando, só pra você ficar brava. E é claro que eu estou tomando o remédio", sorriu para a esposa.

Não se falaram mais e voltaram para a cama. Roberto esperou a mulher dormir e foi ver o filho. Descobriu a cabeça do menino e, como já amanhecia, preparou um café.

Museu

Cláudio Bilu Rodrigues

- Pai, o que é museu?

- Meu filho... museu é onde guardamos obras de arte, como pinturas, esculturas... é também onde se guardam coisas que não usamos mais. Quero dizer, coisas que deixam de ser usadas e passam a fazer parte da história. Entendeu?

- Como assim?

- Este nosso carro, por exemplo, é novo, mas que futuramente será um carro que não se usa mais. Aí quando você tiver um filho, poderá levá-lo ao museu para que ele possa ver um carro da época da sua infância. Assim, seu filho vai saber como eram os veículos antigos.

30 anos depois

- Pai, o que é museu?

- Museu é onde guardamos obras de arte, coisas antigas. Quando eu era pequeno, meu pai me levou a um museu de carros antigos. Assim, eu pude ver como era os carros da época do meu vô. Este carro aqui, por exemplo, um dia poderá ir para o museu.

+ 30 anos

- Pai, o que é museu?

- Então... museu serve para guardar objetos de arte, objetos antigos. Quero dizer, antigamente existiam carros, por exemplo. Você acredita que os automóveis não podiam voar? Um dia eu te levo ao museu de carros antigos para você conhecê-los.

30 anos depois

- Mãe, o que é pai?

- Minha filha... como eu posso explicar?... antigamente para se ter um bebê era necessário um homem e uma mulher, ou seja, um pai e uma mãe... não é engraçado?... um dia eu levo você a um museu, aí você vai saber o que é pai.

- O que é museu?

segundos colocados

POESIA - *Caixa de madeira*, de Franz Rulli Costa
CONTO - *Um baile de máscara*, de Fausto R. Lima
CRÔNICA - *Janela indiscreta*, de Edval A. Carvalho
CRÔNICA - *O salto*, de Cristiano Cota Pinheiro

Caixa de madeira

Franz Rulli Costa

Te dou uma caixa de madeira
uma casa de pajaritos
com cores de Frida e Almodóvar
dos arremedos do dia quando voa solto
as cores que espalhei por paredes e telhados
frutos do meu desofício.
Quase nenhum cômodo
espaço exíguo é certo
lugar suficiente para um nadinha.
(Dois ou três ovinhos talvez.)
Passarinhos precisam de um só quarto protegido
porque as demais dependências
como alpendre e banheiro
a natureza provê amplas e arejadas
- sem iptu com água cristalina
pôr-do-sol lua crescente e tudo mais.
Passarinhos têm como direitos adicionais
altos do jatobá
vistas inundadas dos verdes da mata
dos amarelos dos ipês e das sibipirunas.
É comum que agradeçam tantas maravilhas:
por isto cantam.

Guarda nela coisas miúdas
que não possas perder
e que não te façam propriamente falta.
Assim: um botão uma moedinha de 1 centavo
(que teu pai deixou distraído sobre o móvel da sala)
um retrato 3x4 da vovó Pereba
(que tua mãe está deixando amarelar)
um resto de espirro
um pedregulho
uma bolinha de nariz
um parafuso que caiu da cabeça do tio Guigo
um fiozinho de sonho
(porque sonhos cabem em qualquer lugar
dão sentido à existência
e proclamam os afazeres da alma).

Deixa depois que esta mistura
se concretize com o tempo
se constitua em porção generosa de ciscos
- serão os teus ciscos -
dos quais se conformam os monturos
mas que não raro são indicativos precisos
de como a infância voa como os passarinhos
e compõem registros memoriais da vida
a vida que nos ocupamos em reproduzir no amor.

Um baile de máscaras

Fausto Rodrigues de Lima

Renato colocou o tênis, a camiseta do time predileto, a bermuda multicolorida e desbotada, beijou e esposa – e fez uma expressão de enfado – e saiu de casa rumo à residência de Ricardo, anfitrião do jogo que iria passar na televisão. Deixou um cheque assinado para a consorte pedir uma pizza. Renato tinha preparado a esposa uma semana antes: “É um jogo decisivo para o campeonato!” “A turma toda vai tá lá!” Amélia, a esposa, não entendeu porque Renato não iria assistir aquele jogo em sua própria casa, como fazia sempre, preferindo se reunir com aqueles “chatos” do escritório; mas acabou cedendo e concordando com a ausência do marido durante toda a noite... e boa parte da madrugada. “Depois do jogo vai ter uma sessão de truco, meu bem!”; “Não me espere para dormir”. A esposa não sabia que o carteadado, e a idiota gritaria que o acompanharia (truuuuuuuuco! Ladrão! Paga pra ver! Lugar de pato é no monte! Nove!... doooze!), não tinha hora para acabar. Não foi à toa que, na semana que antecedeu a futura sessão futebol-truco-cerveja-comentários-sobre-as-gostosas-do-escritório, Renato foi uma seda de generosidade em casa, com direito a bombom, flores, etc.

O relacionamento conjugal de Renato não ia bem; já não tinha o mesmo tesão. A rotina e os anos – Amélia não tinha para ele o viço da juventude e estava um pouco mais “cheinha” – , esfriaram a paixão e desencantaram Renato. Sua vida estava um marasmo. A televisão o poupava de ter que falar – e ouvir – , sua cara-metade. Sexo... só depois de imaginar as garotas das propagandas de cerveja na pele de Amélia. A mulher bem que tentou seduzir

o infeliz marido nos últimos meses, com direito à reeducação alimentar com nutricionista e malhação na academia; mas Renato manteve-se distante – nem ao menos percebeu qualquer mudança na esforçada Amélia.

Renato tocou a campainha. Foi atendido por um Batman barrigudo:

- Você está na Batcaverna!
- Que porra é essa, Ricardo?
- Você está diante do Homem Morcego Pegador... aquele que irá chupar o pescoço de todas as mocinhas indefesas!

- Com essa calça de malha, tá difícil – fez Renato, sem conter o riso.

- Ei! Estória de chupar pescoços é comigo – gritou o Conde Drácula de dentro da Batcaverna.

- Ah, tanto faz... é tudo morcego mesmo...
- Caracoles, Samuel, sua máscara de vampiro tá irada! – disse Renato – cadê o Tom?

- O cara tá lá dentro retocando a máscara. Diz que é o Dom Juan.

Samuel surge com uma peruca encaracolada e uma máscara toda borrada de maquiagem. O grupo de bizarros personagens solta uma gargalhada:

- Cê tá mais pra Cauby Peixoto.
- Conceiçãaaaaaaao...
- Tá parecendo o Michael Jackson, disparou o Conde da Transilvânia.

- Antes o Michael, que ainda aterroriza as criancinhas, do que o Drácula, que num assusta mais ninguém.

- Vamos, Renato, sua fantasia está no quarto, estamos atrasados!

Renato, alegre como uma criança, vestiu a fantasia que tinham reservado para ele. Consistia numa capa preta e numa máscara, estilo “carnaval de Veneza”:

- Qual o nome dessa fantasia?
- Sei lá. Pode ser bufão.
- Quê isso?
- Num faço a mínima idéia... mas que tem cara de bufão, tem.

E lá se foi a turma de adolescentes, todos na casa dos 40 anos, para uma noite inesquecível no mais badalado baile de máscaras de cidade. Ricardo era divorciado, Samuel solteiro, Tom casado – sua esposa estava visitando a mãe doente em outro Estado, coitadinha! – e Renato ... conseguiu um alvará da esposa Amélia para assistir um jogo de futebol na casa do Ricardo (?!?!?)

A festa estava “bombando”. O festival de máscaras era um convite delicioso para sair dos limites, ve-la-da-mente. Odaliscas, odaliscas e mais odaliscas, usando todo o tipo de máscaras e contornos – diga-se, apenas no rosto, porque as bundas e seios estavam assanhados e despudorados – , ornavam o salão. Uma das meninas exibia a bunda na própria cara – sua máscara era em forma de bunda! Samuel, o vampiro, não resistiu, lascou-lhe um beijo molhado pelo orifício aberto... da máscara, obviamente. A turma da Batcaverna logo fez fila para beijar a bunda da oferecida.

Don Juan, também conhecido como Michael Jackson, logo se atracou com uma ninfenta de cinqüenta e poucos anos – ela usava “maria-chiquinha” – enquanto Batman tentava fugir de um Robin alegre que insistia em insinuar uma super dupla dinâmica.

Após muita azaração, Renato, o Bufão, teve a visão do paraíso. Uma delícia de mulher: tubinho colado no corpo e um decote traseiro que ia até o além de onde deveria ir. Que costas! Que traseiro! Que bronze pecaminoso! E que seios! A mulher era infernal!

- Batman, estou apaixonado! – declarou Renato.

- Num precisa nem dizer por quem... aquela mulher tem os seios mais lindos que já vi... hoje – respondeu Ricardo.

- E o bumbum? É uma Sheila Carvalho melhorada.

- É. E os seios são turbinados como da Danielle Winits.

E a dupla, numa animação só, caiu matando em cima da beldade: nessas alturas, a mistura de cerveja-marguerita-frozen-whisky aguçava a imaginação e retirava qualquer inibição dos sérios homens de escritório. Renato agarrou Sheila e Ricardo se atracou com Danielle, fazendo um sanduíche animado. A moça, como que incorporando as duas personalidades idealizadas por Batman e Bufão, deixou-se levar.

Após algum tempo, cada um decidiu que só se contentaria com as duas, Sheila Carvalho e Danielle Winits juntas, iniciando uma divertida discussão para decidir quem as levaria. Enquanto decidiam, Samuel, o vampiro, puxou a moça. Esta, que não agüentava mais os dois bêbados indecisos, entregou-se avidamente às mordidas do Drácula em seu pescoço nu. Após algum tempo, não se sabia mais quem mordia quem, tamanha era a ânsia dos amantes. Batman e Bufão, sentindo-se otários, tiveram a dignidade de reconhecer a derrota: pelo menos a maravilhosa ficou com um membro da Batcaverna!

Enfim, decidiram ir embora – era melhor os casados não abusarem da sorte, já que as respectivas poderiam telefonar. Faltava apenas Samuel, que era solteiro e ainda estava se lambuzando com Sheila/Danielle. Encontraram-no debaixo de uma mesa com a moça, ambos já sem máscara... e quase sem nada pelo corpo. De repente, ouviu-se um grito gutural e aterrorizado:

- Amélia!

E a comédia virou tragédia.

Sheila iniciou um firme namoro com Conde Drácula; Danielle seguiu o casal, já que, tal qual os gêmeos siame -

ses, estava ligada por laços eternos à Sheila. Quanto a Bufão, ainda está fazendo sessões de terapia para curar a trágica separação do casal. Dizem que: *sem coragem de se encarar no espelho, passou a utilizar a máscara de Bufão o dia inteiro.*

Janela indiscreta

Edval Alves de Carvalho

Genildo, no dizer dos seus colegas de trabalho, era um autêntico cabra da peste. Desses que mata a cobra e mostra o pau. E a cobra, juntos.

Genildo só tinha um defeito: gostava de se gabar. E de criticar os outros. Ah! Então eram dois defeitos. Mas tudo bem, fora isso, Genildo era muito gente boa.

Quanto chegava do trabalho, como cabra macho que era, Genildo gostava de achar a comida pronta e os filhos banhados e brincando no quarto. Tudo para que ele pudesse ter sossego e descansar de seu dia de trabalho.

Mas nem tudo era sossego na vida de Genildo. Os vizinhos faziam muito barulho, cada um mais esquisito que o outro. E ele ficava inquieto tentando decifrar que diabos de barulhos eram aqueles.

O vizinho de frente, então, era um sujeito muito estranho, na opinião de Genildo. Em sua casa sempre havia movimento, o que levava Genildo a ficar até altas horas, tentando compreender tudo aquilo. E isso virou rotina.

Todos os dias, ao chegar em casa, Genildo mal engolia a comida, deixada por sua mulher, e corria para a janela de seu quarto, de onde podia observar o vizinho. Lá era um movimento só: correrias, músicas, bebidas e sabe lá, Deus, o que mais!

No trabalho, Genildo comentava com os amigos: — Não consigo entender... É muito estranha a casa daquele sujeito ... Uma pouca vergonha, isso sim!

À noitinha, mal chegava em casa, lá estava o Genildo tentando captar o que acontecia no apartamento vizinho. Até que dava sono, tombava de lado e dormia.

Porém, o que mais intrigava Genildo era que a janela do sujeito nunca ficava totalmente aberta, sempre tinha algo a impedir a visão externa. Por vezes ele apagava as luzes. Outras, deixava um pequeno abajur de luz

avermelhada.

De tanto observar, Genildo percebeu que quando ele acendia o abajur, de luz avermelhada, era possível ver, através da sombra refletida na parede, os movimentos e quantas pessoas se encontravam no apartamento. Certos dias eram apenas duas pessoas; outros, eram três, quatro... E teve um dia que tinham sete pessoas. Era um número de pessoas impressionante. E mais impressionante, ainda, era o que elas faziam naquele quarto.

Genildo ficava exausto de tanto tentar acompanhar todas aquelas sombras: uma hora parecia um balé, em outra, um grupo de acrobatas, em seguida, já parecia uma luta de jiu-jítsu.

Cansado de tanto mistério, Genildo entrou em uma loja de caça e pesca e comprou um binóculo de longo alcance, daqueles que consegue decifrar até sexo de mosquito. — Hoje eu hei de saber o que diabo que faz aquele infeliz! E rumou para casa, disposto a desvendar o segredo da janela do vizinho.

Naquele dia, Genildo nem quis comer ou ver os filhos, foi direto para a janela. Por sorte o movimento já tinha começado e a janela estava quase que totalmente aberta.

Pelas sombras refletidas, Genildo concluiu que haviam sete pessoas. E, então, começou por decifrar uma a uma: primeiramente um homem de sunga e sem camisa, que Genildo supôs ser o dono do apartamento, já que estava tão à vontade. O sujeito segurava uma faca e parecia cortar a roupa de uma loira, que se debatia sobre uma mesa. Aquile estava muito estranho!

Recostados na parede havia um grupo de pessoas, homens e mulheres que, pelo líquido avermelhado que corria em seus corpos, aparentavam ter levado uma surra, pois seus corpos pendiam, como se estivessem no ápice da exaustão.

Genildo, entretanto, não reconhecia ninguém, nem compreendia, de fato, o que lá acontecia. Será que aquele líquido vermelho era reflexo do abajur?

Por um instante, Genildo recriminou-se por estar sendo tão xereta. Ia desistir da bisbilhotice, quando vislumbrou sobre a cama uma mulher e um homem totalmente nus, cuja sombra, refletida na parede, sugeria uma luta de jiu-jítsu, entre os dois. Deteve-se para observar melhor aquela "luta" e aquela mulher.

Genildo não entendeu porque aquele corpo lhe chamara tanto a atenção. Contudo, quanto aproximava a lente para ver o rosto da mulher, os dois rolavam. Ele então mirava em suas pernas. E ia subindo até ver os cabelos.

Genildo, novamente, recriminou-se por aquilo que estava fazendo. Ele que tanto criticava a falta de pudor dos vizinhos, agora estava ali xeretando a vida dos outros. Ainda bem que sua mulher não estava ali para ver tamanha pouca vergonha. Deveria estar na casa de alguma vizinha, discutindo novela, pensou ele.

Genildo, contudo, ficara todo excitado ao ver aquela mulher. Como poderia, uma mulher de pernas e costas tão lindas? Genildo imaginou o resto e não se conteve, voltou a espiar.

Finalmente a mulher virou de frente e Genildo pode ver suas feições. Naquele momento, a luz do abajur, que era avermelhada, pareceu ficar branca. Era inacreditável, para ele. Lá estava a mulher, com quem Genildo já nem lembrava mais há quantos anos estava casado, a mãe de seus filhos, a sua mulher.

O salto

Cristiano Cota Pinheiro

Da janela do meu quarto escuto um estridente grito de mulher. Não daqueles que se escutam nas intimidades; antes fossem. Um grito dolorido, assustador, frio. Em seguida, vejo algumas pessoas correrem na direção de um prédio das cercanias. Irrefreado na minha indiscrição, vou lá saber o que é, juntando-me a um já numeroso bando de curiosos. A movimentação é intensa. Várias pessoas falam e gesticulam ao mesmo tempo. Vem gente de todos os lados e tipos. Até os infantes que jogavam futebol em um campo improvisado deixam a diversão para inchar o aglomerado. Descubro que uma jovem acabara de se jogar do terceiro andar. A desgraça tem um alto poder de atração; não é a primeira vez que me pego fazendo esta constatação desoladora.

Irrompem as conjecturas sobre as causas daquele ato insano. No meio do burburinho, consigo decifrar alguns palpites: deve ser uma desilusão amorosa, arrisca um; só pode ser dívida, aposta outro; isso é droga, aventura-se um terceiro. Contemplo o cenário em silêncio, guardando para mim as minhas intuições.

Finalmente chegam os socorristas. Dois carros do Corpo de Bombeiros. Uma senhora de idade fica indignada com o perdularismo do Estado. Por quê duas vans, se há só uma vítima? Reconhecendo a justiça de sua crítica, distraio-me um pouco daquela névoa de tensão.

A cada instante o bolo aumenta. Um homem obeso, de bigode farto, me pergunta se a garota foi jogada ou se ela se jogou. Respondo que ouvi dizer que ela se jogou. Insistente, indaga se ela sobreviveu. Digo que não sei. Quer morrer, tem mais é que morrer mesmo, retruca ele, do alto de sua autoridade estúpida.

Vejo a maca passar com a acidentada em cima, mexendo o braço. Não morreu. Aquele movimento saciou a

minha curiosidade, a do gordo incompreensivo e a de todos os demais espectadores daquele imbróglio lúgubre. A ambulância liga a sirene e vai-se embora.

A pequena multidão se desagrega como um formigueiro implodido. Cada um segue o seu rumo, uns correndo, outros andando depressa. As crianças reiniciam o jogo. E a tristeza se dissipa levemente no ar, sob a fulgurante luz do sol do meio-dia.

terceiros colocados

POESIA - *Coleções*, Conceição de M. Amorim Araújo
CONTO - *O envelope azul*, de Artur Marciano
CONTO - *Sed lex*, de Artur Marciano
CONTO - *O mistério da luz*, de Maria Tamar
CRÔNICA - *A fada da minha infância*, de Maria Tamar

Coleções

Conceição de M. Amorim Araújo

Coleciono idades.
Também coleciono personagens.
A cada idade, me surgem novos personagens.
Meus personagens são ímpares, são pares.
Isto depende, de cada idade.
Parece "venda casada", talvez, disfarces.
Coleciono idades.
Da coleção de idades, as mais raras,
São as mais tenras, estão bem lá atrás...
Elas contêm todos os segredos
Da coleção de personagens.
Faz tempo que nada acrescento
À coleção de personagens,
Mas, ainda coleciono idades.
São 41 idades,
São tão diversos os personagens,
Que ultrapassam minha coleção de idades.

O envelope azul

Artur Marciano Lins Ferreira

Cheguei tenso, após uma ida rápida à clínica. Logo que avistei meus amigos, segui, com certa aflição, na direção deles. Guardei o envelope azul, desajeitadamente, sem ao menos abrir para saber o resultado do exame, no bolso da camisa social verde-limão, que se sobrepunha a uma outra branca, esporte, na qual podia-se ler o pensamento creditado a Ludwig van Beethoven: "*Aplaudi, amigos, a comédia acabou!*" e os abordei pesarosamente. Seu irmão me perguntou sobre a forma, segundo ele, inadequada de meus trajes, pouco antes do cortejo seguir cemitério a dentro, naquela tarde de quarta-feira, em que sua mãe e de minha adorável amiga teria o corpo selado sob a terra.

- "Amigo," fui doce no falar, porém ácido no pensar, "será que não vês onde estamos? Será que, diante da única certeza de nossa vida, não tens o mínimo desapego ao que é tão falso e tão efêmero?"

Terminei o meu singelo discurso, de costas me volvei e segui em direção aos portões daquele lugar constrangedor. Sim, constrangedor, porque, acima da enfermidade, somente a morte tem o poder de desvelar o que realmente somos, nem tanto o que fomos, pois um bom escriba ou uma contadora de histórias eloqüente conseguem, sem muito esforço do Tempo, transmutar qualquer vilão em santo ou qualquer heroína em Madalena.

O que somos, constrange o que pensamos ser ou o que pensamos que pensam o que somos. *Cogito, ergo sum, to be or not to be, that is the question, Èhyèh asher èhyèh*. Tantas coisas se passavam por minha cabeça, enquanto eu andava apressado e colérico, tangendo uma série de jazigos, que ladeavam o caminho que levava ao exterior.

- "Como pode um indivíduo ser tão imbecil? Preocupar-se com as minhas roupas, no dia do sepultamento de sua própria mãe?"

Questionei a mim mesmo, indignado com a pequenez de sua atitude, diga-se de passagem, amigo meu. Percebi, então, num instante de lucidez, que minha atitude iracunda não estava nada além da, por mim alegada, pequenez da conduta de meu inquisidor, porque me ative à vaidade de meus princípios, de meus valores, me sentindo indignado, abandonei o intento primordial de estar naquele lugar, qual era, prestar uma homenagem àquela boa pessoa, que partira desse mundo. Abandonei esta nobre ação, para me apegar às minhas idiossincrasias. Ecoaram, em meus ouvidos, as próprias palavras que havia lançado, como arpões, contra meu caro amigo, na presença de sua irmã (a mulher pela qual me apaixonara, mas que tive de optar por ser seu melhor amigo, ao constatar que seu corpo vibrava por outros e a mim fora incumbida a cara missão de ser seu confessor: o único em que confiara seus sentimentos íntimos).

Dei meia volta e retornei com o peito cheio de alegria em ter-me reconhecido em um erro, cheio de coragem e altivez, para pedir desculpas ao meu amigo, cheio de orgulho por constatar, em mim, valores de beleza rara e quase santos.

- "De novo! De novo isso?" Havia me flagrado, novamente, me lambuzando na vaidade de pensar ser alguém de caráter elevado, distinto dos comuns, que circulam nas calçadas ou nas redes de TV. Vi o quanto pode ser move-digo o terreno em que cresce a Árvore do Saber.

- "Tanto falatório, um mosaico de boas intenções, contudo minhas atitudes saem todas pela culatra. Estou sempre querendo ser ou demonstrar que sou algo, porém meus atos delatam uma contradição indigesta para com meus propósitos". Gesticulava, punha as mãos sobre a cabeça, respirava vigorosamente.

- "Filho, você está passando mal?", me interpelou uma velhinha, com o semblante de vovozinha de conto de fada.

- "Sim, sim. Muito... quero dizer, não, não. Estou bem, senhora, apenas um pouco confuso", respondi.

- "Confuso? Mas, filho, aqui não é o lugar apropriado para confusões, afinal de contas estamos cercados de certezas", disse a senhora, em tom professoral.

- "Era só o que me faltava", pensei comigo mesmo, "uma velhota querendo me dar lição de filosofia Zen!".

Entretanto, o que havia me dito foi uma variação do que eu próprio falei ao meu amigo.

- "Ela tem razão!", concluí, após passada a raiva. "Fico remoendo bobagens, enquanto a finalidade de minha presença, aqui, é absolutamente outra".

Ao longe, observei a sábia vovó deslizando seus passos leves, como se fosse uma nuvem sumindo no horizonte.

Em passos largos, assim, me dirigi ao grupo que se formara em torno do sepulcro da finada mãe de meus amigos. Durante o percurso, apesar de caminhar lepidamente, me deparei com três rapazes, os quais, pela conversa que travavam, concluí serem coveiros.

- "Vão ou não vão enterrar o defunto?", perguntou um deles aos outros dois.

- "Ah! Não sei, meu amigo. Tem enterro que demora horas", respondeu outro, que usava um boné com o nome de um político conservador, eleito no último pleito nacional, o qual faleceu, durante um festim reservadíssimo, em sua cobertura, após ser severamente apunhalado por dois recrutas do Exército.

- "Sei não, rapaz. Vejam só, eu sou bom no que faço. Sou um verdadeiro profissional: objetivo, prático e racional. Comigo não tem esse negócio de choro, reza e discurso, porque o morto está aqui para ser enterrado, não é mesmo? Eu atendo meus clientes, tendo o profissionalismo acima de tudo. Quer que enterre? Então,

vamos fazer o serviço, pois, afinal de contas, o cliente tem sempre razão, mesmo estando morto”.

O terceiro indivíduo, apenas assistia ao diálogo dos outros, sem demonstrar qualquer expressão de afirmação ou divergência. Talvez, achasse aquilo tudo sem sentido, porque, diante da inexorabilidade da morte, não há razão que não se obscureça. Há muito mais estarecimento do que lucidez, apesar de que, particularmente, admiro bastante o diálogo dos coveiros, em Hamlet.

Bem, me integrei, lentamente, à aglomeração. Contudo, antes de encontrar um lugar razoavelmente confortável, me deparei com uma cena, no mínimo, estranha: duas senhoras balzaqueanas se encontraram:

- “Minha querida!”, em tom de voz fervoroso, “Quanto tempo, hem? Olha, eu tenho cada novidade para te contar. Sabia que a Dadá vai ser vovó? É! Sua filha, aquela princesinha, está com quatro meses de gravidez e a pobre da Dadá só ficou sabendo agora, depois de ter recebido um telefonema anônimo. Tem tanta gente ruim nesse mundo, não é, minha querida? E agora, o que será de nossa amiga, com a filha, de quinze anos, grávida? A menina foi criada a pão-de-ló, sabe? E se envolveu com aquele escurinho, filho da Dona Vera, que costumava passar roupa para a Dadá. Aí, bom, sabe como é que é: enquanto a Dona Vera passava as roupas da Dadá, seu filho passava a filha dela. Ah-ah-ah! A ferro! Ah-ah-ah-ah! E olha que o negrinho é até jeitosinho. Tem umas pernas... Nossa! Está fazendo um calor, não é mesmo?”.

Procurei me distanciar das duas senhoras, quando sofri um esbarrão de um casal, que entrecortava, de maneira grosseira, os presentes. Parecia que queriam, a todo custo, postarem-se perante a sepultura. O reverendo, que realizava um sermão de improviso, notou a movimentação:

- “Eu vi uma parelha de jumentos chegando” começou a fala, cofiando, pausadamente, a longa barba encaneci-

da, “trotando rudemente entre as pessoas. Eles se postaram diante do ataúde, como se este fora uma touceira de verdejante capim. Mas, pergunto, o que há, aqui, para ruminar?”. Olhei com o semblante questionador, mas concordei com tudo, solenemente, mesmo sem nada entender.

- “Meus queridos irmãos, minhas queridas irmãs, estamos reunidos, aqui, para inumar nossa irmã, que foi chamada de volta aos braços do Pai. Momento de consternação e grande pesar, para todos que a conhecemos e, especialmente, para sua família, está manifesto em nossos corações”.

- “Nossa vida é parte da tênue poeira fértil que o Criador soprou na aurora dos tempos. Cabe a nós, então, a responsabilidade pelo cultivo da singela plantinha; para que árvore da vida se torne e floresçam formosas e perfumadas flores. Os frutos virão, irmãos e irmãs, e o Pai colherá cada um deles, sejam doces, amargos ou azedos, pois Ele aprecia cada sabor e se deleita com aquilo que se-meou”.

Fiquei bastante comovido, naquele instante, ainda mais, porque percebi meus amigos, especialmente minha querida amiga, aos prantos. Aquela dor particular, a qual nada eu poderia fazer ou dizer para aliviar, tornava a situação ainda mais penosa para mim, pois, além do falecimento de uma pessoa queridíssima, somava-se a dor de estar absolutamente impotente perante aquele imperativo fatídico.

Requiescat in pace. O esquife desce à terra. Últimas despedidas, enquanto as lajotas de concreto vão sendo colocadas lado a lado. A massa de cimento sela o último ato e o pano cai, em forma de frias pás de terra vermelha. Sem aplausos. Havia uma atmosfera de perplexidade. Fui embora, agora, em definitivo. Dei meia volta sobre meus calcanhares e parti dali, sem despedir-me de alguém, pois não tinha condições de dar condolências e, muito menos, vi condições em meus amigos de recebê-las.

A tarde foi-se encolhendo e o crepúsculo anunciou-se. Havia uma brisa tênue afagando meu rosto marcado por algumas lágrimas. Caminhava, em passos lentos, em direção a... Nem sei ao certo para onde ia, porque atordoavam-me as lembranças de tudo que vivi naquela tarde outonal, quando deparei-me com um pequeno filhote de Bem-te-vi, caído ao chão, piando e contorcendo-se em busca de algum lugar seguro, talvez, o corpo meigo e tépido de sua mãe. Havia, de fato, uma árvore solitária, há alguns metros da saída do cemitério. Reparei em seus galhos retorcidos, secos, os quais lembravam tentáculos horrendos, que sustentavam um aglomerado de folhas e galhinhos secos, formando o ninho da jovem ave desterrada. Dobrei os joelhos para pegar o filhotinho e devolvê-lo ao seu abrigo, quando, do bolso da camisa, o envelope azul foi ao chão. Depositei a frágil criatura em seu berço, catei o papel e, rompido o lacre, li: **POSITIVO**.

A Crescente brilhou no tecido celeste.

Sed lex

Artur Marciano Lins Ferreira

Eles dirigiam-nos doces imperativos e pediam para que facilitássemos o serviço da vigilância, apondo nossas identificações em lugar de fácil visibilidade.

“- Boa tarde, gente! Boa tarde! Vocês facilitariam muito o trabalho da vigilância, se não se esquecessem de usar o crachá. Facilita nosso serviço e dá mais segurança para vocês mesmos”.

Íamos para os elevadores, ordenadamente, como se pudéssemos esquecer o fato de que somos mero gado, marcado e feliz. Distribuindo-nos pelos andares e baias diferentes, iniciávamos os primeiros movimentos de uma suíte de ações predeterminadas, mecânicas e coordenadas por uma Ordem, por uma metafísica sem qualquer importância real, porém com uma dinâmica interna peculiar, dita burocracia estatal. Alguns faziam cara feia, outros, resignados, suspiravam em profundidade, mas, eu, esforçava-me para manter minha atenção na estrutura, friamente analisando cada ato ou série de atitudes realizadas pelos colegas e, certamente, por eu mesmo.

Certa vez, minha consciência desprendeuse dos mecanismos da microfísica burocrática e fixou-se na arquitetura daquele lugar. O pensamento alçou vôo.

“- Estrutura singularíssima em sua arquitetura – linhas, lados, arestas, faces -, todos os padrões geométricos estão dispostos de maneira que represente a perfeição ardilosa da Ordem, a magnitude insossa de seu ideal, a nobreza fictícia de sua missão universal.

A reta é pura, não se desvia e nem permite desvios. Uma vez iniciada, deve seguir seu caminho incólume até o infinito. Curvas pressupõem desvio, retorno e, o que é mais audacioso, possibilidade, alternativa; deixam transparecer que é possível voltar, rever e recomeçar, tal vez, por um novo princípio - isto é perigoso.

Entretanto, qual loucura levaria alguém a substituir caminhos certos, exatos, planejados e traçados com uma maestria apenas igualável, em seu 'excelso propósito', à 'bondade' ali impregnada? Quem poderia assumir esta coragem de negar a segurança do controle a tranquilidade da certeza? Um mentecapto. Pois é conclusão necessária e imediata da aplicação da razão, que só há uma forma, uma única e absoluta maneira de ver, compreender e ser, que é dentro dessa Ordem. Sim, porque ela é o fundamento de nosso existir e a pedra angular de nossa sociedade. Por conseguinte, a vida, sem a observância destes 'zelosos ditames', seria uma ameaça à Ordem, visto que a espontaneidade, a individualidade e outras propriedades impetuosas do espírito humano, rastejam, tal qual criaturas peçonhentas, prontas a iludir aqueles que não detêm este notável saber".

A sineta sobre o balcão de atendimento soou e, quando voltei desta navegação mental, deparei-me com um cidadão de meia-idade, barba por fazer, trajes encardidos pelo uso e um desgrehado cabelo ruivo. Pediu que o ajudasse na resolução de um problema. Segundo ele, era herdeiro de todas das terras em que foi erigida a cidade, pois seu bisavô, coronel que se fez pela valentia diante da vida, ao deixar de ser um mero camponês e conquistar, à pólvora e no fio do facão, as terras que deveriam, então, pertencê-lo por direito. Sabia articular as palavras (apesar de guardarem um certo distanciamento das 'regras cultas da Última Flor do Lácio') e, apartando qualquer inércia de raciocínio, era possível perceber coerência nos fatos que relatava. Expôs uma série de cópias de documentos, cuidadosamente guardados numa pasta plástica amarela, os quais, seqüencialmente, davam lastro a suas palavras.

Não tendo condições materiais e competência administrativa para analisar a demanda daquele cidadão, indiquei um superior hierárquico, com notável saber jurídico, para

que, desta forma, cumprisse com a obrigação em atender o indivíduo. Sem delongas, retornei aos meus afazeres comuns e, algumas horas depois, já cansado pela série de ações quase automáticas realizadas no decorrer do dia laboral, a sineta sobre o balcão de atendimento soou mais uma vez.

"- Pois não, senhor? Posso ajudá-lo, novamente?"

"- Pode não, moço. Obrigado, mesmo, pela sua atenção". Disse o meu interlocutor, com ar de fastio.

"- Resolveu aquele problema?", involuntariamente, insisti no diálogo.

"- Tem solução, não. O *Dotô*, ali, disse que eu tenho de procurar um médico, porque o meu problema *tá* aqui dentro, ó!", apontou para a têmpora direita. "Eu tenho o documento, gente. *Tá* tudo certo, aqui, ó! Tudo carimbado, como manda a Lei. Carimbado no Cartório, *resistrado*. Não dizem, por aí, que vale o que está escrito, que é da Lei, do direito nosso, de *Dotô* Advogado e *Dotô* Juiz? Por que, então, ninguém quer me ouvir? Sou doido, não, gente". Ficou cabisbaixo e bateu, levemente, o punho esquerdo, cerrado, sobre a madeira do balcão, por duas vezes. O *homi* disse que eu só podia *tá* doido, louco, porque digo que estas terras, aqui tudo, ó, são de minha família. Não sou eu que *tô* dizendo, não. *Taqui*, ó! Documento por documento, papel por papel. Perguntou se eu queria que a cidade fosse *desapopriada* ou que o governo me desse uma indenização. *Ficô rino...* Pediu para que eu me retirasse e que iria indicar um lugar para eu fazer tratamento de cabeça. Que direito é esse que nós tem, moço? Me responde você, que tem mais instrução que eu. *Tô* de frente das portas abertas da Justiça e o porteiro diz que eu não posso entrar. Que sou doido. Eu trabalho, moço. *Taqui* minhas mão para você ver que não minto. Que povo é esse que pode dizer o que quer, barrar meus direito, só porque acham que sou isso ou aquilo, que o que quero é doidice, que não tem lógica. Que se dane! Nossa sociedade não firma o pé no que é de documento, certo, escritinho e carimbado, de verdade, na Autoridade? Então!

O mistério da luz

Maria Tamar T. Albuquerque

A obrigação dele era mandar investigar, *né mêmo*? Se fosse dado como mentira a papelada que *taqui*, tudo bem, eu calo minha boca, mas dizer que sou doido, louco, porque descobri que as terras da cidade toda são minha? Que Justiça é essa que tapa os olhos para a vida, moço? Eu *tô* vivo. Tem sangue dentro do meu corpo. Eu não sou um papel, não. Minha vida *né* uns numerozinhos e umas barrinha preta num papel, num *computadô*. Eu *tô* vivo. Sinto dor, fome, tenho filho, sabe? Moço, tenho rezado de mais *pra num perdê* minha cabeça, meu Deus... Sabe? Às vezes, sinto como se estivesse girando, girando e não consigo encontrar o caminho certo, aquela reta, bem retinha, que vai resolver minha vida. *Tá* tudo torto, moço. Tudo torto. Ô, se eu não tivesse metido essa idéia na cabeça, *taria* bem, *taria* livre dessa preocupação, dessa trabalhadeira toda. Mas, não. Botei na cabeça que tinha de brigar pelos meus direitos, pois todo poder vem do povo e a gente não pode ficar calado e sei lá mais o quê! Tivesse eu ficado quieto, calado, agora, instiguei, instiguei tanto que não tenho mais paz. Vida do diacho, minha Nossa Senhora!

“- Senhor...”, tentei interferir.

“- O Governo não pode tratar o povo desse jeito, não. Tem de ter mais respeito!”, continuou alheio a minha voz rouca.

“- Senhor, por favor, eu pediria que...”, debalde, elevei o tom de voz.

“- Porque eu pago imposto, também, e isso não vai ficar assim, não. Eu vou até o final, até o final, está me ouvindo, moço? Não sou besta, não! Esse *dotozim* vai saber quem eu sou! Eu sei os meus direitos! *Vô* no jornal! Eu voto e o voto tem poder!”, exaltou-se demasiadamente.

“- *Mermão*, o *negócio* é o seguinte: cai fora, porque já passa do horário e eu não quero perder o jogo da Seleção!”, detonei a lengalenga do velhote.

“- Vixe Maria! Esqueci do jogo da Seleção! Apostei duas *caxa* no empate! Quem não arrisca, não petisca, *né mêmo*, moço?

Nunca se soube ao certo como aquele raio de sol vencera as barreiras e inundara o quarto sempre frio com sua luz e calor. O fato é que isso aconteceu e, a princípio, causou medo e espanto.

Morava há tanto tempo naquela escuridão gélida que já se acostumara a olhar a claridade como algo pertencente ao mundo de fora, mundo que adivinhava existir a partir da algazarra de jovens e crianças existentes para lá dos portões.

Há quanto tempo estava ali? Não saberia dizer. Possivelmente toda a sua vida, pois se lembrava vagamente de haver visto um mundo diferente além do jardim.

Tudo aconteceu repentinamente, com o raio de sol atravessando a janela, afastando as cortinas e enchendo o aposento de uma luminosidade quente e forte. Sentiu medo – essa foi a primeira das reações – e deu as costas à luz, mas o sol não iria desistir de iluminar e aquecer aquele quarto. E dar as costas não adiantava em nada, nem mesmo minimizava o pânico. Então, correndo, trancou-se no guarda-roupas.

Lá, no guarda-roupas, era tudo familiar: a escuridão, o frio cheirando a mofo, o silêncio e a sensação de vazio... Aos poucos, a curiosidade venceu o medo e, pela fechadura, passou a observar o quarto iluminado: não era que as paredes eram rosa-salmão? Jurava que eram brancas... mas branco sempre é a falta de luz! E aquele calor gostoso que, mesmo no guarda-roupas, começava a sentir? Era estranho, mas fazia o coração disparar, sentia-se mais forte, mais vivaz.

Timidamente abriu uma, depois a outra porta do armário. Um pé de cada vez, saiu do seu esconderijo, como uma borboleta de casulo. A claridade, no começo, mas só no comecinho, doeu-lhe a vista, obrigando-a a espremer os

olhos como quem acorda. Deixou-se envolver pela quietude cálida e chegou-se à janela para espiar lá fora.

A nova realidade era cheia de propostas e curiosidades, razão pela qual entreabriu a janela, a fim de melhor ouvir as crianças brincando. Foi nesse momento, exato momento, que o raio de sol tomou-a pela cintura e bailou pelo aposento. Parecia um tango argentino. Suspendeu-lhe o corpo acima do parapeito da janela e depositou na calçada, fora dos limites frios, onde sempre vivera.

À sua frente uma linda borboleta azul batia freneticamente as asas. Um ser diferente, ao menos para quem não conhecia borboletas, de asas azuis com pontinhos brancos, um sorriso maroto estendido entre uma antena e outra.

Deixou-se levar pelo raio de sol e pousar nas costas da borboleta. Voaram pelos céus do mundo, ou do que pretendia imaginá-lo: o que é o universo para quem nunca chegou nem aos portões do jardim?

Desceram pelo arco-íris e a risada alegre e solta assemelhava-se a cristais batendo contra dentes infantis. Berberam do cálice da vida e tomaram banho no rio da imensidão que faz as pessoas tornarem-se uma, nem que seja por alguns momentos.

Quando a lua assumiu a função de iluminar o céu, estranhou a janela aberta e as cortinas arregaçadas. Curiosa, entrou no aposento, primeiro cautelosa; depois enchendo-o com sua luz de prata. Encontraram-se: dormia com um sorriso infantil.

A fada da minha infância

Maria Tamar T. Albuquerque

Era uma caixa grande, vistosa, aos meus olhos de menina...

Na tampa, uma moça muito linda, com vestido rodado e ar sonhador, prometia mil delícias.

Sempre que Dindinha, esse era o nome daquela fada das minhas tardes infantis, a retirava do armário, falo da caixa, é evidente, eu sabia que teria horas de prazer indizíveis.

O interior daquela caixa multiplicava-se em cores e matizes através dos carretéis de madeira macia e clara, sempre bem enroladinhos de linhas multicolor...

Bastidores, agulhas e riscos faziam uma festa à parte da qual Dindinha, com suas mãos de fada, era a protagonista que desenhava traços tênues como fantasias sobre o pano virgem, transformado um simples lençol ou camisa em um sonho concreto!

Eu era a ávida espectadora que acompanhava com olhos e buliçosas mãos de crianças aquele eterno tramar de pontos e linhas...

Achava lindo e pensava como era possível que alguém transformasse aqueles lindos carretéis em coisas ainda mais lindas.

Arrumava e desarrumava seus pentences e ela sempre com muita paciência respondia e sorria às minhas perguntas.

Quando chegava a hora do lanche, sim, porque naquela época havia a hora sagrada do lanche, carretéis, linhas e bastidores voltavam a descansar na sua caixa mágica e nós íamos nos deliciar com quitutes que a minha fada fazia.

A bem da verdade, eu ia lanchar e ela sorrir e olhar e cuidar para que eu me alimentasse.

Os anos passaram e apesar de achar linda sua arte jamais consegui aprendê-la.

Quando minha primeira filha nasceu, bordou a história do seu amor e cuidado por mim em lindas peças que fizeram da pequena uma princesa.

O rio da vida dá muitas curvas, hoje estou no meio da estrada e minha fada, graças a Deus ainda viva, já não borda mais... Resolvi então aprender e embora saiba que nunca vou fazer algo tão lindo como ela, vou dando pequenos pontos com os quais tento escrever minha história de amor.

Não tenho uma caixa que parece o arco-íris... Mas gosto de olhar para minhas poucas meadas... Elas me lembram que uma fada teceu um arco de sonho para proteger a minha infância!

POESIA - 4º lugar

Diferença substancial, de Luiz Beltrão

CONTO - 4º lugar

A fuga de uma meretriz, de Janiwson Soares

CRÔNICA - 4º lugar

Deus abençoe esta bagunça, de Artur Marciano

POESIA - 5º lugar

Pequeno livro, de Igor Pereira Figueiredo

CONTO - 5º lugar

José Ninguém, de Janiwson Soares

CRÔNICA - 5º lugar

Bendizei o Senhor, de Janiwson Soares

menções honrosas

Diferença substancial

Luiz Baltrão Gomes de Souza

Do mesmo pó que se formam estrelas
nascem bichos e nascem gentes.
Substância que nos assemelha,
Amálgama que nos irmana.

Mas de massas diferentes são cunhados os corações.
Para eles, carne pulsante a circular fluido vital.
Para nós, rio que não sacia,
choro que colo nenhum cala,
vazio que o universo não é capaz de preencher.

Comensais da mesma mesa. Inquilinos do mesmo teto.
Um só ponto nos distingue. Um só órgão nos discerne:
músculo alado, eternidade visceral.
Diferença substancial.

A fuga de uma meretriz

Janiwson S. Soares

Mayara, codinome da noite. Nome de batismo, por incrível que pareça, Maria dos Prazeres. Viu o pai bater na mãe dos 4 aos 14 anos. Antes disso deve ter visto também, mas não lembra. A mãe fugiu para Brasília, levando os quatro filhos, quando teve seu braço quebrado e achou que bastava. Até os 17, Maria dos Prazeres ajudava nas costuras, na limpeza, na comida e na educação dos mais novos. Mas depois que a mãe morreu, não teve jeito, virou prostituta. Chorou no primeiro programa e o cliente nem fez questão de transar, pagou o que devia e voltou para casa sentindo-se culpado. Não chorou nos programas seguintes, mas odeia o que faz, tem nojo do que faz, adoraria poder dizer onde trabalha para a pessoa que puxa papo na fila do banco, e sonha com um namorado, um homem que goste dela de verdade.

Nunca fez mal a uma formiga. Pelo contrário, é só bondade. Mas é meretriz, e isso é pecado suficiente. Suficiente para ser pior que urina, para ser nome de palavrão, ser a escória, o escarro do mundo. Fala Mayara:

- Uma vez ouvi de um corretor de imóveis, quando estava procurando uma nova casa para nós e não tinha dito qual era meu ganha-pão, que as mães de determinados políticos deveriam trabalhar na zona: "a senhora me desculpe os termos, mas tem gente que a mãe só pode ser uma baita de uma prostituta!" Quando ouço uma coisa dessas, morro um pouco por dentro.

Nem tudo são espinhos. Mayara tentou o auxílio espiritual numa Igreja carismática. Porém, ficou com vergonha de se expor para os correligionários. Em busca de outra fuga, Mayara, encontrou uma forma de aliviar suas dores, de conviver consigo mesma: a cocaína.

Deus abençoe esta bagunça!

Artur Marciano Lins Ferreira

Certa vez, cheguei a um balcão de boteco, pedi uma cerveja e, enquanto o camarada que fazia as vezes de garção foi ao *freezer* sacar minha gelada, percebi, bem no alto, pendurada no teto, uma plaqueta de madeira, onde pude ler: "DEUS ABENÇOE ESTA BAGUNÇA". Desde há algum tempo, venho pensando nessa coisa da depreciação do *modus vivendi brasilianis*, antes mesmo da degradação pública do *homo sapiens brasilianis*. Quero dizer, existe uma cultura, na rua e na mídia, de desdenhar o povo brasileiro, realizada por ele mesmo. Quem já não ouviu que "a Justiça, nos Estados Unidos, funciona", "na Europa, a cultura é muito valorizada" ou "o japonês é um povo muito sério"?

A Europa herdou as ruínas do Império Romano e, através de séculos a dentro na História, enfrentou a tentativa da Igreja Católica (a Instituição que se arvorou em guardiã da cultura greco-romana) de recuperar aquela tradição, fundindo a ela costumes dos povos mais diversos (bretões, francos, germanos, godos, suevos, saxões, lombardos, vândalos, alanos, normandos, borgúndios, búlgaros, magiares, celtas, mongóis etc, para termos uma noção do complexo mosaico cultural). Após séculos, enfim, aquela sociedade resultante pariu uma cultura fundamentada na tripartição dos Poderes do Estado, no Direito Romano e em supostos valores Clássicos (ingenuamente julgados recuperados pelo Renascimento), os quais, por força do fio da espada, tentou-se implantar no Brasil, nas Américas, no dito 3º Mundo. Tenta-se, ainda.

O Brasil, assim como outras nações colonizadas, não era uma terra desocupada, havia populações que, igualmente, desenvolveram uma cultura própria e independente, através de séculos, também, apesar de não termos registros físicos tão fartos disso, porém a tradição oral

dos povos que sobraram referenda tal idéia. Sei que é simplório dizer isso, mas nenhuma cultura é melhor que outra. Tentando ser mais claro, é bem possível que a corrupção e o mau funcionamento da máquina estatal brasileira (no caso), é resultado da tentativa falha de implantar o modo de vida europeu. Falha, porque sofreu (e sofre) uma resistência (ativa ou não, consciente ou não) das culturas indígena e africana, formadoras do povo brasileiro (juntamente com a portuguesa, essencialmente), povos que foram expropriados de suas nações (cada um a sua maneira) e obrigados a despirem-se, envergonharem-se de seus costumes.

Por que criticamos aquele que pisa a grama, fazendo assim, através da prática freqüente, um atalho, que 'enfeia' o tapete verde? Os europeus cultivavam os jardins, assim como aqueles que eles julgam ser herdeiros, os romanos. Contudo, o indígena e o africano, povos originários de terrenos cobertos de folhagens e matas, precisam dos atalhos, precisam marcar caminhos e descobrir caminhos mais curtos, coisa abominada pela Arquitetura (tida, por nós 'ocidentais', como uma Arte) e seus estetas.

Há algo de profundamente libertário, orgiástico, no *modus vivendi brasilianis* e isto faz parte do mal que administrações governamentais de matizes diversos tentam gerir, pois a cultura de índios e negros continua a resistir a enquadrar-se nos padrões e valores culturais europeus. Então, os agravos desferidos contra o povo brasileiro ('Brasileiro deixa tudo para última hora', 'Brasileiro não trabalha', 'Brasileiro não leva nada a sério', 'Brasileiro só quer saber de samba e carnaval' etc. e tal, mas e daí?), nas ruas e na mídia, é o mais claro sintoma de colonização por uma visão eurocêntrica do mundo, preconceituosa (resquício do século XIX, por excelência, branco, cristão, racionalista, mercantil e masculino) e, por outro lado, de resistência, rebeldia cultural, que insiste em bagunçar, fazer uma quizomba no coreto do idealismo europeu.

Pequeno livro

Igor Pereira M. Figueiredo

Eu vi os olhos da morte.
Cortejou-me com mistérios,
bebeu minhas perversões,
saciou-se e partiu sem rumo.

Dia seguinte, retornou.
Corpo de mulher, ingênua,
desafiando meu talento amador.
Beijou-me a testa,
beijei a dela,
seguindo-me o caminho ao final do dia.

Passou-se o tempo.
Não muito.
Chegava sem ser percebida,
sentava-se à direita,
pedia atenção e eu não negava,
nunca.

Veio a época de lhe beijar a face.
Estávamos íntimos.
Não conseguia entender,
embora tentasse,
tanta pecha sobre os ombros.

Desvirtuando o natural, entretanto,
veio o desprezo antes do gozo.
E como se em sonho vivesse mesmo,
seu beijo não mais ardia,
seus olhos não mais temia,
o que doía virou casca.

José Ninguém

Janiwson S. Soares

Planaltina, 25 de dezembro de 2172. José comeu, bebeu e gozou a vida. José praticou boas ações, que beneficiaram centenas de pessoas. José praticou atos maus, que prejudicaram centenas de outras pessoas. José comeu de boca aberta, José bateu em seu próprio irmão. José, em uma noite de frio, tirou seu casaco e deu a uma criança que tremia. A criança parou de tremer e José agüentou firme a baixa temperatura, aquecido por seu gesto. José foi engenheiro e construiu uma ponte, por onde passaram muitos carros. José passou várias noites de Natal distribuindo presentes a crianças carentes. Bravadava com efusão: "Feliz Natal !"

José morreu há 166 anos. A ponte que José construiu não existe mais. Da criança que José aqueceu, nem os ossos ainda resistem. A bem da verdade, não é possível afirmar com certeza que seu nome era mesmo José. Das preocupações de José, dos pecados de José, das boas ações de José, nada restou. Os registros de seus feitos, que aqui transcrevo, estão em um diário que ele manteve por toda a sua vida. Eu, seu descendente, acabo de queimar esse diário. Quando eu morrer, ninguém mais vai ouvir falar de José, e seus atos e desatos serão nada, se já não o são. E é claro que já são.

Bendizei o Senhor

Janiwson S. Soares

Foi no domingo, dia cinco de março, durante a missa das 7h, celebrada por Pe. Carlos. Ocasão em que o redil de Cristo testemunhou um louvor inusitado: Um bem-te-vi entrou na Igreja, fez algumas voltas acrobáticas sobre os fiéis que lotavam o templo e depois, com uma pousada perfeita, descansou sobre o microfone do altar, solene e orgulhoso pelo espetáculo oferecido.

Um leitor proclamou em alto e bom som um trecho do livro de Jonas; outra pessoa cantou o salmo e um segundo leitor apresentou alguns versículos de uma carta de São Paulo que fala da solidariedade e nos exorta a sofrer-mos com quem sofre, alegrarmo-nos com quem se alegra... Como é praxe litúrgica, no fim da leitura, o proclamador da Palavra lembrou: "Palavra do Senhor", e o povo respondeu em coro: "Graças a Deus". O simpático Bem-te-vi, que parecia ter escutado tudo com muita atenção e compenetração, prorrompeu então num grito jubiloso um "bem-te-vi" devoto e entusiasta que, reproduzido de maneira perfeita pelo microfone sobre o qual ele pousara, ressoou pela Igreja toda e fez eco com o coro dos fiéis presentes. Depois o pássaro soltou as asas, chispou saindo por uma clarabóia tangente ao forro e foi continuar sua ação de graças Igreja afora, conforme vaticinado em Cântico de Daniel: "Pássaros do céu, bendizei o Senhor!".

biografias dos autores

FRANZ RULLI COSTA

Nascido em Monte Alto - SP, está há 40 anos em Brasília. Seus autores preferidos são Manoel de Barros e João Guimarães Rosa.

Participou do "Dicionário dos Poetas de Brasília" e tem várias publicações em jornais e revistas em Brasília e outros Estados. Franz publicou os seguintes livros:

1. Vôo do Aruanã - poesia - 1989 - Ed. Pirâmide Arts Gráfica-Salvador-BA
2. Porto Inseguro - Poesia 1990 - Massao Ohno - SP
3. Porto das Damas - Poesia - 1991 - Massao Ohno - SP
4. Porto Surubim - Poesia - 1993 - Massao Ohno - SP
5. Relógio na Chuva - Poesia - 1996 - Masso Ohno - SP
6. Retratos de Aprendiz - Poesia - 2006 - Massao Ohno - SP (Em preparação)
7. Lavoura de Lambe-lambe - Poesia - 2006 - Massao Ohno - SP (Em preparação)

CLÁUDIO BILU RODRIGUES

Nascido em Ceres - GO, está há 33 anos em Brasília. Foi premiado em primeiro lugar na categoria poesia no III Concurso Literário do MPDFT.

FAUSTO ROGRIGUES DE LIMA

Natural de Uruaçu – GO, está há 11 anos em Brasília. Seu livro predileto é *Admirável mundo novo*. Dentre seus autores favoritos estão Aldous Huxley, George Orwell e Luis Fernando Veríssimo. Foi premiado em 2º lugar no I Concurso Literário Poeta Mario Quintana do MPDFT, com o conto *Mensagem virtual do além*.

EDVAL ALVES DE CARVALHO

Nascido em Burití dos Lopes - PI, reside em Brasília desde 1992. Seus autores preferidos são Castro Alves, Vinícius de Moraes e Cazuza. Possui dois trabalhos publicados, em duas participações no "Concurso Literário Poeta Mario Quintana".

CRISTIANO COTA PINHEIRO

Nascido em João Monlevade-MG, mora em Brasília há 1 ano e 6 meses. Seu livro preferido é *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago.

CONCEIÇÃO DE MARIA A. ARAÚJO

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, está em Brasília há 37 anos. Teve trabalhos selecionados em concursos literários aos 14 e aos 17 anos.

ARTUR MARCIANO LINS FERREIRA

Nascido em Brasília, sempre morou na Capital Federal. Seu livro preferido é *Manifesto aberto à estupidéz humana*, de Ézio Flávio Bazzo. Foi premiado no II Concurso Literário Poeta Mario Quintana com as obras *Olhar Além* (Poesia) e *Anjo Caído* (Conto).

MARIA TAMAR T. DE ALBUQUERQUE

Nascida no Rio de Janeiro, morava no sertão de Alagoas – Palmeiras dos Índios – cidade de Graciliano Ramos – , quando veio a morar em Brasília, em 1972, por conta de uma transferência de trabalho de seu pai. Seus autores prediletos são Neruda, Gabriela Mistral, Vinícius, Cecília Meireles e tantos outros. Possui duas obras virtuais publicadas em cooperativas com outros poetas em *Poetas Virtuais* e *Publicação Independente*. Seu poema *Beduínos* – com versão em espanhol feita por Antônio Martinez, foi premiado no Concurso Internacional de Escritores Amadores, em Barcelona/Espanha; também foi premiada no Cuco de Ouro em Porto Alegre – RS e teve outros trabalhos vencedores em seleções da editora Scortese – RJ.

LUIZ BELTRÃO GOMES DE SOUZA

Natural de Brasília, sempre viveu na Capital Federal. Seu livro preferido é *O cálice e a espada*, de Riane Eisler. Tem publicados os trabalhos *Infinita essência* (poesia classificada em 1º lugar no II Concurso Literário Poeta Mario Quintana) e *O julgamento* (conto classificado em 2º lugar na terceira edição desse concurso).

JANIWSON SOUZA SOARES

Natural do Gama - DF, seus livros preferidos são *A arte da guerra*, de Sun Tzu, e *Perdas e ganhos*, de Lya Luft. Seus autores contemporâneos preferidos são Ariano Suassuna, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Graciliano Ramos e Nelson Rodrigues.

Tem obras publicadas na internet, no site Arte & Cultura News (www.arteculturanews.com): *Para onde caminha a humanidade*, *O natal da família cristã* e *Novo ano de novo*.

Também publicou no jornal *Correio Braziliense* as críticas *Farsa na propaganda* e *Bananas*; as crônicas *A casa dos presidencialáveis*, *Frentes de batalha...* e *O fim dos tempos* e os artigos *Ligação a cobrar* e *Novo ano de novo*.

Obteve 3º lugar na categoria conto (A última visão) do III Concurso Literário Poeta Mario Quintana, em 2004.

IGOR PEREIRA MATOS FIGUEIREDO

Natural de Vitória da Conquista - Bahia, mora em Brasília há um ano e meio. Seus autores preferidos são Tolstói, Franz Kafka, José Saramago, Machado de Assis (principalmente os contos), além de Jorge Amado, leitura obrigatória de um baiano. Entre os poetas, Manoel Bandeira, Raimundo Elói e Augusto dos Anjos.

a comissão julgadora

DORA DUARTE

Nascida em Piracanjuba-GO, mas brasiliense de coração e candanga, a poetisa tem quatro publicações em verso: *Formiga Cabeçuda* (1989), *Cigarra de Agosto* (1995), *Vaga-lumes na Estrada* (1999) e *No Rancho de Pau-a-pique*. Este último foi indicado para compra pela Secretaria de Educação do DF, em 2006. Já participou como julgadora em diversos concursos literários e tem sido destaque entre os escritores da cidade, sobretudo na categoria infanto-juvenil, onde é citada ao lado de nomes como o de Stela Maris Rezende. Suas poesias já foram incluídas em provas classificatórias da rede pública de ensino. Participou de inúmeras palestras, saraus e rodas de poesias pela cidade, incluindo o Clube do Choro de Brasília. Dora diz viver cercada de poesia: é secretária do curso de pós-graduação em Literatura, da UnB, coordena bibliotecas comunitárias e realiza, desde 1994, encontros com crianças e adolescentes de várias escolas públicas do DF, com o objetivo de mostrar a importância da leitura.

LÚCIA HELENA ALVES DE SÁ

Mestra e doutoranda em Literatura Brasileira, pela UnB, a professora Lúcia Helena também atua em revisão de textos e tem diversas publicações em revistas acadêmicas da área de Letras. Em 2005, foi ganhadora do Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação – Projeto Memória. Participou como palestrante em inúmeros eventos ligados à literatura, bem como de bancas julgadoras de concursos literários, de redação e outros. Foi coordenadora de Biblioteca Pública e de oficinas de Filosofia para crianças. Já exerceu atividades docentes na Universidade de Brasília, Universidade Paulista, Faculdade Michelangelo e Instituto Cultural Eudoro de Sousa/DF. Também é professora de Língua e Literatura Portuguesa da Secretaria de Educação do DF, desde 1994. Atualmente pesquisa a vida e obra do professor Agostinho da Silva, o qual foi um dos baluartes da Universidade de Brasília (UnB), atraído pelo então Ministro da Educação Darcy Ribeiro, na década de 60.

TT CATALÃO

Jornalista, poeta e ativista cultural, o escritor consagrou-se como cronista da cidade, onde mora desde 1972. Possui diversos prêmios internacionais em editoria de arte e de cultura por conta de sua engenhosa associação de texto e imagem em capas históricas do *Correio Braziliense*. Tem ainda seus trabalhos de articulista e cronista no *Jornal de Brasília*, *Tribuna da Imprensa*, *Última Hora* e outras revistas independentes e culturais no Brasil e no mundo. Elaborava as saudosas "Crônicas da Cidade", no DF-TV, aos sábados, e foi criador e coordenador do Espaço Cultural 508 Sul (hoje, Espaço Cultural Renato Russo). Publicou os livros *Os Po(rr)Etas* (UnB e independentes); *Ebulição da escritatura* (Civilização Brasileira) e *Brasília, cidade cidadã* (com bordados das irmãs Dumont).

Este livro deve ser devolvido na última data carimbada	

04
08